

## SÉRIE TRAJETÓRIAS 2007

Palestrante: Marina Lorenzo Fernández

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 08 de agosto de 2007

Hora: 17:00

A surpresa do convite me levou a procurar razões para explicá-lo, para compreendê-lo. Procuro e não as encontro. Razões subjetivas são sempre difíceis de serem expostas e entendidas. Interpreto que o convite seja resultado da simpatia e generosidade de quem sugeriu o meu nome e daqueles que coordenam este projeto.

Ter sido lembrada permitiu-me fazer um balanço do passado, dos muitos caminhos trilhados e me ofereceu a oportunidade de perceber, com humildade, que tudo o que fiz devo à ajuda e ao trabalho de amigos que tive e ainda tenho ao meu lado. Sei que são diversas as maneiras de se contar uma história, assim como são diversos os ângulos através dos quais se pode compreendê-la.

Apreensiva com este convite, procurei no dicionário Aurélio, o significado da palavra 'Trajetória' e encontrei: "linha descrita por um corpo em movimento". Procurei a palavra 'Trajeto' e encontrei: "espaço que alguém tem que percorrer para ir de um lugar a outro". Penso em tempos, espaços, lembranças, experiências e deslocamentos que descrevem meus percursos nos últimos sessenta anos e recupero uma linha do tempo e me vejo em agosto de 1946, cruzando o caminho do Rio de Janeiro para Montes Claros, cidade do norte do Estado de Minas Gerais.

No trajeto, a cada montanha vencida, eu procurava o mar de Copacabana, que estava deixando para trás. Às vezes, um riacho brincalhão cortava o caminho, atravessava a terra seca do sertão. Era um sertão sem fim...

Foram dois dias para ir do Rio de Janeiro até Belo Horizonte e mais dois para chegar a Montes Claros. Ao largo do caminho, de quando em quando, um lugarejo surgia, tão calmo, parado e tranquilo que sempre parecia ser feriado.

Cheguei à cidade em pleno período das festas de agosto: Catopés, Marujos, Caboclinhos. Fiquei enfeitada. Tanta cor, música, movimento, adereços, comidas... Nunca tinha visto uma festa folclórica. Havia cursado uma disciplina denominada 'Folclore', mas nunca havia participado de um fato folclórico. Lia sobre ele, mas não havia experimentado vivenciá-lo. Era tudo novo para mim.

Montes Claros era uma cidade com poucas ruas calçadas. Quase todas as ruas eram de terra vermelha. Às dez horas da noite a luz da cidade era desligada. Quem controlava isso era Dona Vidinha, mulher forte, que mandava apagar e acender a luz da cidade.

Naquele sertão, encontrei na melodia e ritmo das Festas do Divino um pedaço da preciosa alma brasileira. A luz dos lampiões, a chama trêmula das velas e o brilho das estrelas naquele céu amplo e aberto alimentavam meu romance de recém casada, recém chegada aos Montes Claros.

Levei para os Montes o meu piano. Era um *petit-piano* de maquinaria inglesa, encomendado por meu pai. Foi meu presente de formatura. Tinha meu nome gravado na tampa. Até hoje, passados tantos anos, relembro com emoção o momento em que abri a porta do meu quarto e encontrei o "meu *petit-piano*".

Quando cheguei a Montes Claros existiam dois pianos... O terceiro foi o meu...

O piano pequeno, de linhas modernas, fez tanto sucesso que numa bela tarde, sem avisar, um músico que vivia dos quadros que pintava, apareceu em casa para pedir o piano emprestado. Queria copiá-lo, fazer um piano como aquele. Atendi prontamente ao pedido.

O pintor-músico, Godofredo Guedes, era pai do conhecido músico e compositor Beto Guedes. Godofredo ficou vinte dias com o piano, trabalhou dia e noite e fez uma réplica só para ele. Ficou feliz e eu também.

Confesso que aprendi muito saindo do Rio de Janeiro onde vivia na Av. Nossa Senhora de Copacabana, atrás do Copacabana Palace. Com a mudança para o interior de Minas aprendi muitas coisas. Entre elas, o significado de solidariedade, dimensão presente na alegria e na tristeza, reunindo as pessoas que ali viviam.

A força do sertão e a energia do sertanejo penetraram minha alma e me deram consciência do "ser gente", independente da localização territorial onde vivam. A musicalidade do povo me fascinava e surpreendia. Viroleiros, seresteiros e cantadores enchiam as noites enluaradas do sertão. Conheci Zé Coco do Riachão e Zanza, chefe dos Catopés, além de João Chaves, o compositor que se tornou conhecido através da canção *Amo-te muito*.

Um dia convidei Maria Lucia Godoy para dar um concerto em Montes Claros. Escrevi para ela a melodia do *Amo-te muito* e pedi que ela cantasse, à capela, ao final do recital. Ela cantou e encantou o público com aquele timbre de voz inesquecível. Em delírio, o público tentou carregá-la nos braços.

Naquela mesma noite do recital, saímos do teatro e fomos para a casa de João Chaves, o compositor, fazer para ele uma serenata. Mesmo sendo avesso a visitas, levantou-se para receber-nos ao ouvir a voz de Maria Lucia.

De lá, saímos pelas ruas cantando. As pessoas iam se chegando e se juntando. De repente, todos nós estávamos na mesma sintonia, carregados pela mesma canção. Tornamo-nos todos seresteiros, envolvidos numa sensação de misterioso afeto e acolhimento sonoro.

Neste cenário de ruas vermelhas e músicas caminhantes, continuei meu trajeto.

Comecei a dar aulas de Iniciação Musical, de Piano, de Teoria Musical, de Harmonia. Ia reunindo gente em torno da música, convidava as crianças da vizinhança e descobri que gostava de "gente". Numa cidade do interior como aquela vizinhos fazem parte da nossa vida. Aqui, na cidade grande,

não sei quem mora no meu andar. Quando encontro alguém no elevador, tento um bom dia discreto, quase sussurrado, e, às vezes, recebo uma resposta tímida. Com frequência fico sem ouvir o timbre da voz ao meu lado. Nem recebo resposta.

As aulas de música, na sua maioria, eram de graça. Davam-me prazer e, aos poucos, eu me tomava amiga das famílias dos alunos. Em casa ia chegando o pagamento: doce de leite, frutas cristalizadas, licor de Pequi, leitão assado e o famoso pão de queijo. Assim, eu ia descobrindo, pelo paladar, o sabor mineiro de ser.

Comecei a dar aula no Colégio Imaculada Conceição, mantido por uma Congregação de Irmãs Belgas. Freiras de cabeça aberta, progressistas. Gostavam das artes e especialmente da música.

Consegui que duas freiras, Irmã Edmunda e Irmã Rosita, viessem para o Rio de Janeiro fazer o Curso de Iniciação Musical no Conservatório Brasileiro de Música com a extraordinária professora Liddy Mignone de quem eu havia sido assistente e de quem era amiga, tornando-se também, depois de uns anos, minha comadre. Em parceria com Liddy, tive a honra de escrever um pequeno livro de Iniciação Musical. O livro nada mais era que uma coletânea de exercícios desenvolvidos durante as aulas que dávamos juntas. Entretanto, tinha o mérito de registrar e socializar a prática que construíamos.

A cada audição de alunos que promovia, o meu piano era carregado ora para o Clube, ora para o Auditório do Colégio Imaculada Conceição, e ora para a Praça do Mercado. O transporte do piano, feito à mão pela cidade, era um acontecimento que sempre atraía a garotada da rua que acompanhava excitada o trajeto ao longo do caminho.

Para os recitais convidávamos montes-clarenses ilustres como Cyro dos Anjos, Antonio Augusto Velloso, Darcy Ribeiro, Simeão Ribeiro Pires, Luiz de Paula e muitos outros que atendiam ao convite e faziam palestras para o público.

Promovíamos exposições de artes plásticas e trazíamos gente de fora. Dentre os convidados recebemos Augusto Rodrigues, Chanina, Inimá. Mas não nos esquecíamos dos artistas da terra como Raimundo Collares, Konstantin Christoff e Yara Tupynambá.

Uma vez convidamos a artista Arlinda Corrêa Lima que havia terminado uma especialização no Instituto de Neuropsicologia de Paris para dar um curso. Foi a partir desse curso que surgiu, em 1961, a Escolinha de Artes para crianças, iniciativa que se tornou parte da programação dos cursos livres oferecidos pelo Conservatório. A Escolinha de Artes teve seu sucesso a partir do trabalho, dedicação e incentivo de três artistas da cidade: Lourdes Antunes, Felicidade Tupynambá e Yedde Ribeiro.

O movimento era grande e com frequência passamos a convidar músicos, educadores, instrumentistas e diretores de teatro que vinham de Belo Horizonte e montavam peças com os jovens estudantes. Faziam, já naquela época, o papel de 'artistas-em-residência'.

Como parte dessa iniciativa de convidar artistas para a cidade, o palco do Colégio Imaculada Conceição recebeu célebres pianistas como Jacques Klein, Nelson Freire, Arnaldo Cohen, Francisco Mignone, Fanny Sotter e Miguel Proença. E educadores como José Maria Neves, Cecília Conde, Fernando Lébeis que agitavam e sacudiam professores e alunos.

Além das apresentações artísticas na cidade, preparava e levava alunos para participarem de concursos de piano em outras cidades do país. Muitos dos premiados são hoje nomes da convivência e conhecimento de muitos dos aqui presentes. Citarei apenas alguns, para lembrá-los, com gratidão: Talitha Peres, Martha Ulhôa, Irene Tourinho, Antonieta Silvério, Joaquim Carlos de Paula.

Recordo agora com alegria da chegada de trem com alunos premiados, com direito a Banda de Música para saudá-los!

No dia 13 de março de 1961 - quase 15 anos depois da minha chegada a Montes Claros - promovi um concurso de Piano em homenagem a meu pai. Os alunos eram todos da terra, meus alunos. O júri era composto por montes-clarenses e renomados artistas de Belo Horizonte. Foi um sucesso! O Prefeito da cidade, Simeão Ribeiro Pires, engenheiro, professor, reconhecido como grande orador, subiu ao palco e com entusiásticas palavras ofereceu uma medalha de ouro ao 1º colocado que, esquecendo a modéstia, era meu filho mais velho, Ricardo. Nas palavras do prefeito, aquele evento enaltecia "a veia artística e intelectual dos nortemineiros, do homem do sertão, forte e historicamente orgulhoso de suas raízes".

No dia seguinte ao concurso (14 de março de 1961), o prefeito me fez uma visita de surpresa e entregou-me a chave de uma casa dizendo uma única frase: "faça um Conservatório". Houve um erro de pessoa na ordem dada. O correto teria sido dizer: façamos todos juntos um Conservatório. E foi o que aconteceu.

A ideia da criação do Conservatório ganhou força e se concretizou através de um esforço que envolveu toda a comunidade. Saí de casa em casa com uma grande e inesquecível amiga - Jacy Velloso - pedindo móveis emprestados e, ao mesmo tempo, convidando as pessoas para estudar e/ou lecionar. Em 29 de Março, exatamente 15 dias depois que recebi aquela chave, com móveis e instrumentos emprestados, fizemos a matrícula nº100. Choramos juntos, atordoados de tanta emoção! Todos os professores que aceitaram trabalhar no recém criado Conservatório doavam 20% do que recebiam para ajudar a pagar as contas ao final do mês. Foram muitos anos de doação.

Mas esta história tinha um passado que começava com uma Lei Estadual (nº 1.139, de 14 de fevereiro de 1955) que criava o Conservatório de Montes Claros. Havia a Lei, mas não havia o Conservatório. Coisas de Brasil! Procurei as autoridades da Secretaria da Educação de Minas Gerais numa tentativa de fazer vingar a força da Lei, de torná-la realidade. Qual não foi meu espanto e decepção ao ouvir o Chefe do Ensino Médio e Superior - Dr. Bolívar Tinoco, pessoa que mais tarde se tornou um grande amigo - me dizer: "Montes Claros é terra de boi e não de cultura!"

A notícia desta frase rapidamente se espalhou e foi o suficiente para mexer com "os brios" dos montes-clarenses. Paralelamente, meu marido encabeçou e fez correr, entre amigos, uma lista de contribuições para equipar o Conservatório. Os médicos deram um piano, os ruralistas outro, os advogados mais um e o entusiasmo foi contagiando a todos.

Em 9 de março de 1962, exatamente um ano após o início das atividades do que, à época, era o Conservatório Livre de Música e onde também se lecionava francês, inglês, balé e pintura em porcelana, o Secretário de Educação autorizou a contratação de professores de música. Ele foi assertivo e disse ao Chefe do Ensino Médio e Superior (aquele que havia dito que Montes Claros era terra de boi e não de cultura) que assumia a condição de responsável pelo êxito ou fracasso do Conservatório. Em 14 de Abril, com a presença do Secretário de Estado da Educação - Dr. Oscar Dias Corrêa - realizou-se a instalação oficial do Conservatório, que naquela data tornou-se Estadual. O Conservatório foi crescendo e firmou-se como ponto de referência na cidade e na região. Penso que foi em resposta àquela frase que feriu os brios dos montes-clarenses que colocaram uma placa na entrada da cidade com os dizeres: "Montes Claros-cidade da Arte e da Cultura". A participação da comunidade foi intensa, todos se envolveram. Acredito nisso: as coisas só acontecem quando o povo quer e quando há vontade política.

Passei a estudar a legislação de ensino. Percebi que era necessário abrir uma trilha, passo a passo, criando caminhos para a abertura de novos Conservatórios no estado. Sabia que educação é um processo que nunca está pronto para ser inaugurado, que vive em contínuo devir...

Apaixonei-me pelas possibilidades que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692 de 1971 sugeria. Fizemos a proposta de transformar o Conservatório de Montes Claros em Centro Interescolar de Artes, abrindo espaço para as Artes Plásticas e as Artes Cênicas, no mesmo lugar em que já estava presente a Música. Em 1975, o Conservatório Estadual passou a funcionar como Centro Interescolar de Artes. Foi o 1º de Minas Gerais e é, até hoje, o único.

Montes Claros ia revelando uma produção coletiva de grande importância, 'retratos' de uma sociedade cujo patrimônio foi construído ao longo de sua história, pelo valor e significado de suas tradições.

Percebi que na área artística existiam trabalhos de excelente qualidade fora do eixo-Rio/São Paulo. A questão é que não existia espaço na mídia para a sua divulgação. Gostaria de indagar: que espaço existe hoje? Que chances estão abertas para divulgação desta produção fora dos formatos de 'caravanas culturais' que a grande mídia promove eventualmente?

Volto à trajetória daquele lugar, daquela cidade e daquela luta. Antes de se tornar Estadual, o Conservatório já promovia na cidade apresentações de Teatro e de Dança. Um fato significativo que destaco agora marcou uma mudança na sociedade local.

Marcamos uma apresentação das classes livres de balé, do Conservatório, no Auditório do Colégio Imaculada Conceição onde as freiras já eram nossas parceiras de trabalho. O espetáculo estava marcado para as 4 horas da tarde. Duas horas antes da apresentação fui surpreendida com a visita

do Padre Paulo Pimenta que trazia a mensagem do Bispo ordenando o cancelamento da apresentação: não poderíamos utilizar o palco do auditório do Colégio para um espetáculo de balé.

Em resposta, pedi que o padre comunicasse ao Senhor Bispo que eu iria pessoalmente avisar ao público sobre o cancelamento do espetáculo e explicar o motivo de tal decisão. O Padre levou o recado e voltou rápido dizendo que o Senhor Bispo havia permitido a realização da apresentação. Sem pestanejar, respondi: "agora só haverá apresentação se o senhor for assistir ao meu lado para se certificar de que as crianças como as bailarinas não representam nenhum atentado à moral". O padre foi assistir, não levantou a cabeça e manteve os olhos fechados. Permaneceu como se estivesse ausente.

A Madre Superiora do Colégio, Irmã Dulce, pessoa que homenageio sempre que a ela me refiro, pela sua competência, caráter, e testemunho de fé, foi obrigada pelo Bispo a deixar Montes Claros na madrugada seguinte ao dia da apresentação do balé e só retornou à cidade 17 anos depois para reassumir o seu Cargo de Madre Superiora.

A cidade parou e o Bispo foi questionado de forma violenta. Fui ameaçada de excomunhão. Foram vários dias de tensão. A reação da sociedade, dos amigos, colegas e alunos foi extremamente forte. Para dar uma ideia, durante aqueles dias, três padres passeavam em frente a minha casa, com o breviário na mão, observando quem entrava e saía das reuniões que estavam acontecendo.

Outro fato marcante foi a desapropriação do 1º Clube Social de Montes Claros, pelo Governador Rondon Pacheco, disponibilizando-o para o funcionamento do Conservatório Estadual de Musica de Londrina.

Ao receber a chave do prédio do então Diretor do Clube, os professores e alunos do Conservatório adentraram o recinto cantando *Aleluia*, de Handel, e na rua o foguetório começou. Nenhuma reclamação dos 100 sócios donos do Clube!!!! Felizmente, o Estado de Minas Gerais teve vários Secretários de Educação que valorizavam a arte, a música e a cultura.

Promovemos vários Encontros de Diretores dos Conservatórios de Minas com apresentações artísticas de cada Conservatório do Estado. A união conquistada ia fortalecendo o papel destas instituições em suas cidades e regiões. Nas palavras do Prof. Dr. José Fernandes Filho, "a Educação se faz pelo permanente diálogo entre o pensar e o agir, entre o refletir e o realizar. É necessário que os que pensam e fazem Educação estejam firmemente unidos e harmoniosamente integrados, para que o nosso esquema teórico de referência seja o mesmo e para que nossas ações sejam coerentes, desde que inspiradas em princípios comuns que as expliquem, justifiquem e fundamentem".

Fui indicada pelo Secretário de Educação para coordenar os Conservatórios Estaduais de Minas e adequá-los à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Foi um período muito bom, de muitos aprendizados, de construção de conhecimento e valorização do professor. O Secretário mantinha seu idealismo de querer mudar o mundo, de querer falar e ser ouvido. De querer mostrar Minas Gerais, sua produção, sua arte.

As relações estabelecidas com os Conservatórios de Minas Gerais permitiram fazer pontes entre o que se aprende na escola, o que se faz e o que se vive no dia a dia, tendo em conta cada região, suas particularidades e anseios. Naquele momento, foi essencial, para a tomada de decisões, a convivência e a troca afetiva e efetiva de conhecimentos, o respeito ao outro e a importância do saber e do fazer de cada um.

O trabalho de Grupos Instrumentais, Grupos Corais e Grupos Folclóricos tornavam a cidade viva e vista. A cada visitante ilustre na cidade, a cada político que vinha conquistar eleitores, o Conservatório era chamado com os seus grupos para abrihantar - quiçá humanizar - esses momentos.

Percebi a necessidade de incentivar a formação de grupos musicais, ao mesmo tempo em que desenvolvia o trabalho de ensino em grupo para as crianças. Convidamos a Sister Marion Verhalen (1973) para dar um *workshop* sobre o método Robert Pace tendo sempre presente a consciência e a diligência com o gasto do dinheiro público. A meu ver, esse dinheiro deveria - e deve - ser investido na educação de todos e não privilegiar alguns poucos com o estudo individualizado de música.

Aprendemos e trabalhamos passos de dança, canto, música e ritmos do folclore da região. Os puristas diziam: isso é para-folclórico, não é folclore puro.

Os Conservatórios ganharam espaço porque, além do entusiasmo do povo, houve vontade política de Secretários da Educação e de Governadores do Estado. Hoje, Minas Gerais é o Estado com maior número de Conservatórios.

Atualmente, o Conservatório Lorenzo Fernández de Montes Claros tem mais de 4.700 alunos. O Estado construiu uma nova sede com três blocos planejados para cada uma das áreas: Música, Artes Plásticas e Artes Cênicas. A meu ver, a função dos Conservatórios é manter presente na nossa experiência cotidiana os elementos que fundamentam a vida: a fantasia, a sensibilidade, e a afetividade. As escolas de arte são o espaço privilegiado para identificar e desenvolver valores artísticos nos seus vários níveis de expressão e é por este motivo que, em Minas, os Conservatórios se tornaram polos culturais em suas diferentes regiões.

Depois desse período, como Coordenadora dos Conservatórios Estaduais, fui indicada pelo Governador Francelino Pereira, para o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais. Confesso que tive muito medo. O ritual de um Conselho, o trabalho de escrever pareceres, justificá-los e responder ao interrogatório dos Conselheiros nas reuniões que antecedem à votação em plenário, era para mim uma sistemática apavorante. O aprendizado foi valioso. Muitas vezes duvidei do meu QI. Achei que não tinha personalidade para assumir tal ritual. Ouvia a leitura de um parecer, concordava e me sentia pronta para votar. Aí, um Conselheiro pedia a palavra e contra-argumentava... Eu achava que ele também tinha razão. Como votar? Como justificar o meu voto? Foram três mandatos e 12 anos de trabalho.

Um fato me marcou de forma indelével. Estava em plena reunião no Conselho Estadual de Educação, recebendo a visita do então Secretário prof. Otávio Elízio, quando fui chamada para atender a uma ligação de meu filho Eduardo Ele dizia: "mãe, saiu publicado no Diário Oficial a sua exoneração da direção do Conservatório". Voltei ao plenário perturbada, pois quem presidia aquela sessão era justamente o Secretário que assinara o ato da minha exoneração.

À noite, tomei o ônibus de volta para os meus Montes que, de Claros, não tinham mais nada. Porém, estavam escuros apenas até o momento em que abri a porta do apartamento. Eram 5:30 da manhã. O apartamento estava coberto de flores. Não tinha lugar para pisar. Emoção, gratidão e lágrimas, muitas lágrimas. Às 7:30 da manhã fui para o Conservatório. Professores e alunos estavam na rua. Fecharam a escola, disseram que ela só seria reaberta quando houvesse a minha recondução ao cargo de Diretora.

Passados alguns dias fui chamada para uma audiência com o Governador Tancredo Neves. Na presença do Secretário de Educação, o Governador mandou que ele me reconduzisse ao cargo. Avalio que esta situação representou a vitória do espírito de união que existia entre professores, alunos e comunidade.

Naquela época Montes Claros mantinha quatro faculdades isoladas - Filosofia, Direito, Administração e Economia. Faltava a área de Artes para que a desejada Universidade Norte Mineira fosse criada. Apresentei o projeto da Faculdade de Educação Artística e com ele caminhei pelos corredores do MEC. Levava 7 quilos e 560 gramas de papel. Tentava discutir e convencer as autoridades. Meu método era: "olho no olho!" A discussão hoje, com "olho na tela do computador" parece ter ficado mais difícil; as autoridades mais distantes e as ideias engessadas em formulários, cronometradas por estatísticas.

Dentro da filosofia de integração dos vários campos de arte, o projeto partia de um núcleo comum, realizado nos dois primeiros anos e que resultava em uma Licenciatura de 1º grau, as chamadas Licenciaturas curtas. Os dois últimos anos do curso aprofundavam o interesse em uma das áreas artísticas garantindo o espaço exigido para o refinamento de acordo com a natureza e especificidade técnica de cada área.

A proposta defendia uma estrutura curricular que se desenvolvia através de projetos. Cada semestre letivo apoiava-se em um tema que se subdividia em três ou quatro unidades. Cada grupo escolhia um tema a ser apresentado como Projeto Final. Um exemplo:

Tema: O adolescente e o mundo

Unidades temáticas:

...A adolescência e a distorção da informação

...Tendências e modismos

...A fantasia do adolescente

...A arte como contestação

Nas duas últimas semanas do semestre, os professores ficavam à disposição dos alunos para discutir e orientar o trabalho dos grupos. Não davam aulas, no sentido formal, mas 'trocavam'

ensinamentos. A empolgação, a energia e a vibração dos grupos desenvolviam uma sadia competitividade que a todos contagiava. A avaliação era feita por professores convidados e não pelos professores das turmas. Lembro-me de uma das professoras que fez de sua avaliação uma aula com sugestões e críticas, com estímulo e lições éticas. A essa professora, Lais Aderne, que há pouco partiu para uma longa viagem, registro aqui minha saudade e envio meu pensamento agradecido.

Vou dar um salto nesta trajetória, um pulo para ir de um lugar a outro. A caminho de finalizar esta narrativa chamo este momento de "volta às origens".

Voltei para o Rio de Janeiro como cidadã monteclarensense. Era, talvez, uma simples 'professorinha' do interior. Havia um descrédito, natural - quem sabe? (se é que alguma coisa é natural e não 'aprendida') e uma dificuldade para entender como e por que Dona Amália Conde, diretora Presidente do CBM, tão respeitada, havia me indicado para assumir a direção. Não tiveram tempo de questionar minha tia (Malitinha, como eu a chamava). Ela partiu serena e discreta. Partiu preparando a festa do seu aniversário. Ficou a grande saudade e, principalmente, o seu exemplo.

No interior, onde passei a maior parte da minha vida, aprendi a compartilhar experiências. Ao chegar de volta ao Rio de Janeiro percebi que ninguém se interessava pelas minhas experiências. Nem pelas dos outros. Percebi, com entusiasmo, que teria de viver e construir novas experiências. Teria que aprender um novo olhar. Teria que procurar descobrir a sonoridade das palavras a mim dirigidas e o misterioso envolvimento emocional que elas continham.

Senti a diferença de trabalhar numa comunidade e trabalhar onde se fala de comunidade, mas não se "vive" a comunidade, nem o espírito que agrega as pessoas em comunidades. Revivi a história do CBM e retomei a consciência de que foi nele que eu havia me inspirado para o trabalho que realizei em Minas, com a ajuda de muitos.

Vim dirigir uma Instituição que já tinha uma grande história. Senti o peso dessa continuidade... Como fazer? A resposta veio clara. Trabalhar, todos os dias e todas as horas. As coisas foram surgindo e acontecendo. Entre acertos e erros estou chegando ao final do meu percurso.

Fui aos poucos me dando conta de que o sentido de uma instituição educacional particular é dosar a qualidade ideal dos serviços prestados com os resultados financeiros, como uma forma de sobrevivência. Gerir uma instituição de ensino artístico musical, como empresa, choca artistas e professores. No entanto, em termos legais/fiscais, instituições educacionais privadas são iguais a qualquer empresa. Não importa o ideal que nos mobiliza ou impulsiona na busca de crescimento cultural e social. Não existe tratamento especial ou distinto para tais instituições, tanto pelo fisco federal, estadual ou municipal.

Numa instituição pública - um Conservatório estadual como o de Montes Claros - trabalha-se para o convencimento político, para persuadir as autoridades a respeito da importância e/ou necessidade de certas ideias. Uma vez aprovadas, o Governo assume os riscos. Se não são aprovadas, xingamos

governo e autoridades. Numa instituição privada, o risco é sempre da direção e dos professores - seja quando assumem ou não suas ideias e projetos.

Ao mesmo tempo, a cultura organizacional das empresas visa, entre outras coisas, uma uniformidade de procedimentos que, na área artística, é visto como empecilho, sob o argumento de que, uma escola de arte é, acima de tudo, o lugar do convívio das diferenças. A tecnologia ajuda esta cultura organizacional na área das artes, mas é ao mesmo tempo geradora de benefícios e de problemas. O mínimo de organização, embora necessário, é, muitas vezes, considerado excesso de burocracia. Ainda padecemos de uma resistência à organização - ainda vista como sinônimo da burocratização, da crença de que cerceia liberdades, mata espontaneidades e esteriliza a criatividade. Considero esses argumentos e crenças um equívoco. A organização não é contrária e pode, sim, ser um recurso - e não uma ameaça - à criação e à liberdade.

Na área da educação, o hiato entre o que é e o que deveria ser a prática cotidiana obriga direção e professores a adaptar e organizar ideias para que as coisas funcionem. Exige-se uma adaptação criativa, uma reinvenção organizada e contínua às novas realidades.

Algumas passagens desta luta entre organização e criatividade me deram alegria e foram marcando esta parte da minha trajetória no CBM. Lembro, dentre elas, as obras de remodelação do auditório, a reorganização e informatização da Secretaria. Sei que adoro uma obra! Acredito que a minha vocação seria de pedreiro de argamassa, mas errei a mão na massa...

Ter conseguido em 1995, que o Conselho Estadual e a Secretaria de Educação do Rio aprovassem o nosso Curso Fundamental de Música e autorizassem o Ensino Técnico de Música à distância, em regime semipresencial, é outra marca que destaco, chamando a atenção para o sucesso que tem acompanhado este curso.

Comemorar o centenário de meu pai, em 1997, também foi uma das minhas grandes alegrias. Em 2000, depois de 64 anos de fundação do CBM, foi possível contratar um grupo de professores, desta vez com a apresentação de um plano de carreira que os assegurava na instituição.

Em 2002, a transformação do CBM em Centro Universitário, o único especializado em música no país, representou prazer e satisfação que recompensam, de alguma maneira, meus dias e noites de trabalho.

Quero deixar claro que o que aconteceu nesta trajetória, durante esse meu estar-no-mundo que hoje relato, é parte de um relato polivocal, que é de muitos. Sempre tive a ajuda de profissionais e colegas que, assim como eu, acreditam naquilo que faziam e fazem.

Não sou um ser solitário. Sou produto de minha família, meus filhos, netos, amigos, colegas e funcionários do dia a dia que vivenciamos e experimentamos. Enfrentamos e enfrentaremos longos anos de profundas mudanças. São mudanças nas visões de mundo, de nós mesmos e dos outros. São mudanças cada vez mais rápidas e intensas, quase sempre imprevisíveis.

Inevitáveis, as mudanças me levam a transferir aos presentes a responsabilidade de imaginar e inventar futuros reconhecendo que sou "uma mulher com algum passado, pouco presente e nenhum futuro".

Ao colocar um ponto final nesta narrativa, me vem nitidamente à memória um pequeno poema de meu pai que os convido a ouvir:

“Apostei uma corrida  
com a vida  
e eu andei mais depressa

Mas agora estou cansado  
e ela está correndo  
ao meu lado

E quando eu parar  
de repente  
ela passará na minha frente”.

Muito obrigada!!!